

## **O Grupo de Apoio Multifamiliar à Adoção: Um compromisso social e educativo**

**Luana da Silva Castilho**

**RESUMO:** Este trabalho tem como finalidade refletir teoricamente sobre a adoção a partir da psicanálise, discutir sobre os principais mitos e preconceitos a respeito da adoção e destacar a importância dos grupos de apoio à adoção. Sua justificativa e relevância apontam que mesmo com o avanço de pesquisas e de novos grupos de apoio, a adoção é ainda permeada por mitos e preconceitos que urgem serem desfeitos. Além disso, ressalta-se a coerência com o tema deste evento: “Os nomes-da-criança: Infâncias, alteridade e inclusão”, uma vez que este trabalho, bem como a prática a que se refere tem como pressuposto o entendimento de que as noções e as vivências de infância, criança e família não são universais, e se posiciona na direção das infâncias esquecidas nas instituições de acolhimento a espera por terem o seu direito à convivência familiar garantido. Assim, o trabalho com o grupo de apoio à adoção tem um papel importante na proteção destas crianças e na luta por mais visibilidade para esta causa. Trata-se aqui de pluralizar as noções de infância e família por meio de práticas e da construção de um arcabouço teórico comprometido com a transformação desta realidade.

### **Introdução**

O Brasil tem hoje cerca mais de quatro mil crianças e adolescentes disponíveis para adoção, sendo o estado de São Paulo com o maior número, seguido de Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Paraná, em contrapartida, existem cerca de 32.800 pretendes disponíveis, isto é, quase oito vezes mais pretendes do que crianças e adolescentes disponíveis, o que seria suficiente para zerar a fila de adoção. Todavia, estes encontros não acontecem porque o perfil desejado pelos adotantes não corresponde à realidade da adoção do Brasil, enquanto a maioria das pessoas deseja adotar crianças pequenas, a realidade aponta que maioria das crianças e adolescentes têm entre 9 e 17 anos, o mesmo se aplica a crianças com algum tipo de doença e em relação aos grupos de irmãos.

Diante desta realidade, o Grupo de Apoio Multifamiliar a Adoção (GAMA) apresenta-se como uma estratégia para flexibilizar este cenário e expandir as possibilidades de que crianças e adolescentes tenham seu direito à convivência familiar garantido. Para tanto, o grupo propõe reflexões sobre o perfil construído pelos pretendentes, e apresenta-se como um espaço de trocas de experiências, esclarecimentos, criação de vínculos entre os participantes e desconstrução de mitos e preconceitos,

O grupo GAMA iniciou suas atividades em 2007 por meio da demanda de famílias que já haviam adotado e que solicitaram o auxílio da universidade para construírem um espaço de trocas entre estas famílias. Em 2012 a participação nos encontros passou a fazer parte do processo de habilitação para a adoção e tornou-se obrigatória, a partir daí, o

trabalho passou a ser realizado em conjunto com a Vara da Infância e da Família na cidade de Guarapuava- PR.

O grupo é composto por uma coordenadora, esta, professora do colegiado de Psicologia da Universidade Guairacá, por estagiários de Psicologia e pelos adotantes. Além do viés social, jurídico e psicológico, o grupo GAMA apresenta-se como ferramenta educativa, na medida em que promove discussões importantes que possibilitam o questionamento e a desconstrução de mitos e preconceitos que permeiam este universo. Para isso, o grupo de habilitação é composto por cinco temáticas que guiam as discussões. São elas: Filho ideal e filho real, Dúvidas legais, Mitos, segredos e histórias do passado, Adoção tardia e Troca de experiências. Além disso, o GAMA tornou-se também um projeto de extensão e pesquisa, atuando em produções acadêmicas que enriquecem o aporte teórico que fundamenta o grupo, e agrega saberes a este campo do conhecimento.

É a partir deste contexto que este escrito foi construído, com a finalidade de apontar as reflexões teóricas a partir da psicanálise sobre a adoção, refletir sobre os principais mitos e preconceitos a respeito da adoção e destacar a importância dos grupos de apoio à adoção. Sua justificativa e relevância caminham pela tomada de consciência de a ideia de família homogênea não se sustenta mais, todavia, mesmo com o avanço de pesquisas e a criação de novos grupos de apoio, a adoção ainda no imaginário popular, é algo envolto a mitos e preconceitos que urge serem desfeitos para que a adoção possa de fato ser um bom encontro para pais e filhos. Além disso, a mudança do discurso social sobre adoção se faz importante, pois é com este discurso que famílias adotantes irão conviver. Deste modo, torna-se essencial relatar aquilo que se vive e que tem estremecido os significantes ligados à adoção.

## **Resultados e discussões**

Neste sentido, é possível afirmar que o universo da adoção é complexo, envolve diversos sujeitos e uma pluralidade de relacionamentos e suas questões de luto, preocupações, pesares, insegurança e expectativas, e em relação a este contexto, a Psicanálise possui importantes contribuições a fazer, destacando-se os temas a respeito das noções de família e dos processos psíquicos envolvidos na adoção.

Lacan (1949;2003), aponta que na família humana as instâncias culturais sempre dominam as naturais, desde as fases iniciais da função materna até os sentimentos de paternidade são construídos e constituídos de diferentes formas no contexto cultural, e

cita a adoção como exemplo. Além disso, para o autor, uma análise que reduza a família apenas aos aspectos biológicos, estaria equivocada.

Isto é, os laços genéticos não são suficientes para constituir uma família, para isso, é necessário que o adulto ocupe um espaço enquanto pai ou mãe e permita que a criança ocupe o seu lugar de filho. Na adoção, este espaço abre-se antes mesmo da chegada deste filho e antes da sociedade reconhecer estes adultos enquanto pais, mas o lugar do filho é construído desde a escolha pela adoção (Hamad, 2006).

Dolto (1988) aponta que todo ser humano é um ser de adoção, pois se constrói simbolicamente na relação com o outro, esta, sempre marcada pela linguagem. Desta forma, a autora aponta que o amor dos pais pelos filhos não se dá pelo saber de que são “carne de sua carne”, e na adoção isso pode enlaçar a criança ainda mais na estrutura familiar.

Todavia, não se deve ignorar que em toda adoção há também uma família de origem que por diversos motivos não pôde criar seu filho, por isso, aponta Dolto (1989) que a criança, no ato de sua adoção, recomeça todo o seu trabalho psíquico de estruturação simbólica, que a faz começar uma espécie de luto dos pais de nascimento. É por esta razão que a criança precisa ter um tempo para se adaptar a esta nova família, a sua cultura e sua linguagem, e a partir disso poder adotar seus novos pais e ocupar seu lugar de filho.

É neste contexto de muita complexidade que os grupos de apoio à adoção apresentam-se como uma estratégia que contribui para um bom encontro entre pais e filhos. Atuar com os candidatos a adoção envolve discutir aspectos sociais, psíquicos, jurídicos, educativos e culturais de maneira que se possa desconstruir os mitos e preconceitos enraizados no imaginário social. Trata-se, portanto, de fazer a palavra circular, acolher os candidatos e ampará-los em suas dúvidas.

Além disso, o grupo de apoio multifamiliar a adoção tem como propósitos refletir sobre as dificuldades que podem ocorrer na constituição desta nova filiação e apontar que nem sempre o filho idealizado corresponderá ao filho real, uma vez que muitas destas crianças vão para o lar adotivo assustadas, fragilizadas ou até doentes. Deste modo, aponta Levinzon (2004) que quanto mais consciente os pais estiverem de que pode haver diferenças no filho que esperam e que a adoção apresenta desafios específicos, mais preparados estarão para conviver com esta criança ou adolescente de acordo com suas especificidades.

De acordo com Schettini (2006), Hamad (2006), Levinzon (2004) e Dolto (1985) a adoção é permeada por diversos mitos que podem atuar de forma significativa nas

motivações dos futuros pais, entre eles, destaca-se a ideia de caridade, em que a adoção é vista como uma ação de altruísmo em que adultos benfeitores salvariam uma criança; a ideia do laço de sangue, em que supostamente a criança carregaria em sua genética aspectos da personalidade e da história de sua família de origem e as repetiria, a insegurança e o medo de que este filho abandone a família adotiva, bem como quanto a revelação da adoção.

Outra fonte de angústias e dúvidas apontadas por Levinzon (2004) está nas múltiplas motivações para adoção: esterilidade de um ou ambos os pais; morte anterior de um filho; desejo de ter filhos quando já se passou da idade; ideias filantrópicas; medos do processo de gravidez; entre outros. Estes fatores também representam angústias e queixas clínicas (op. cit.)

É neste contexto que os grupos de apoio oferecem um lugar para troca de experiências, possibilidades de construções simbólicas que aliviam dúvidas e angústias (ZIMMERMAN, 1993). O enfoque sobre os conflitos emergentes, pautados nas situações atuais oferecem aos sujeitos possibilidade de estruturação egóica de forma que podem superar as dificuldades impostas pelas demandas cotidianas.

Por fim, destaca-se que o grupo de apoio multifamiliar a adoção mostra-se de grande relevância no processo de reflexão sobre a constituição de uma família por meio da adoção e sobre suas particularidades, além disso, contribui para a desconstrução de ideais rigidamente construídos em torno deste filho que virá, abrindo espaço para conceber uma família real, constituída por pais e filhos reais, com suas histórias, medos, desejos e fragilidades, para que a partir disso ocorram bons encontros. Ressalta-se ainda que esta prática grupal guiada pela ética da psicanálise possibilita destacar as produções autônomas dos candidatos, dar voz ao seu desejo, bem como privilegiar a palavra dita enquanto ferramenta de elaboração subjetiva, bem como de esclarecimentos importantes.

### **Referências:**

- DOLTO, F. **No Jogo do Desejo**. Rio de Janeiro: Zahar Editores S.A, 1984.
- DOLTO, F. **Seminário de Psicanálise de Crianças**. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- DOLTO, F. (2005). **A causa das crianças**. São Paulo: Ideias & Letras, 1985.
- JUSTIÇA, Conselho Nacional de. **Sistema Nacional de Adoção e Acolhimento- SNA**. Disponível em < <https://paineisanalytics.cnj.jus.br/single/?appid=ccd72056-8999-4434->

b913-f74b5b5b31a2&sheet=68b8631d-d2f5-4ea1-b05a-b0256c5fb581&lang=pt-BR&opt=ctxmenu,currsel&select=clearall>. Acesso em 03 de setembro de 2021

LEVINZON, G. K., **Adoção**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004 – Coleção clínica psicanalítica.

SCHETTINI, S. S. M., AMAZONAS, Maria Cristina Lopes de Almeida e DIAS, Cristina Maria de Souza Brito. **Famílias adotivas: identidade e diferença**. *Psicol. estud.*, May/Aug. 2006, vol.11, no.2, p.285-293. ISSN 1413-7372

ZIMMERMAN, D. **Fundamentos básicos das grupoterapias**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.